

# José Blanc de Portugal sobre um soneto de Jorge de Sena

## Exemplo primeiro: um soneto de Jorge de Sena

Passemos, pois, a um exemplo de interpretação. Tomemos o seguinte soneto de Jorge de Sena:

Afirmo e esqueço a qual serenidade  
em mim persiste, como a guerra breve  
ao longo de anos que nenhuma neve  
abrandará na terra. E tanta idade

é mera circunstância de igualdade.  
Infeliz neve que a si própria deve  
o esforço de pousar, de não ser leve  
um tempo antes do gelo. E se alguém há-de

vir corromper o Sol da Primavera,  
que esqueça logo o projectar da Esfera  
– e, só depois, a Sombra essencial.

Da corrupção como estro e como guerra,  
a brevidade alastrará na terra.  
Afirmo e esqueço. Afirmo e esqueço a qual...

Este soneto faz parte duma série de seis, de que se publicaram apenas cinco<sup>1</sup>.

Passemos imediatamente à interpretação. Como poremos em lugar subsidiário (instantaneamente) o ritmo, escrevamos cada elemento em prosa:

*1. Afirmo e esqueço a qual serenidade em mim persiste, como a guerra breve ao longo de anos que nenhuma neve abrandará na terra.*

Não é de forma alguma baixeza mental conceder ao leitor que o que o derrota nesta frase é apenas o binómio “*a qual*.”

---

<sup>1</sup> Referência à publicação em *Litoral*, n.º 2, Julho de 1944. O título da série é “Génesis” e o soneto comentado é de 2-2-943. A série completa foi publicada em *A Coroa da Terra*, Porto, 1946.

Leia-se por exemplo:

“Afirmo e esqueço qual a serenidade [*que*] em mim persiste, etc.” e tudo parecerá claro ao leitor. Não parecerá? Senão, vejamos. O Autor *afirma e esquece*. Afirmo e esquece – esquece – não em absoluto mas porque sabe que, além do que afirma, há muito mais a dizer e até a esquecer. A vírgula depois de:

“Afirmo e esqueço qual a serenidade [*que*] em mim persiste,” – indica que a “oração” que se segue (repare-se no sentido de *oração*):

“como a guerra breve ao longo de anos  
que nenhuma neve abrandará na terra.”

*circunstancia* a acção da oração anterior.

O Autor afirma para logo esquecer; afirma para explicar e esquece porque explicará melhor a serenidade que nele persiste (sem serenidade, em qualquer grau, não há expressão possível dentro dos limites que sabemos ser possível afirmar isto) e fá-lo como a guerra (que explica, desvela e logo cede lugar a outra interpretação) *breve* (não porque seja breve em si, logo veremos que dura anos, mas porque tudo é *breve* desde que tenha de ceder o lugar a outra interpretação). Essa guerra “nenhuma neve a abrandará na terra”. A neve “abrandará a guerra na terra?” A “guerra”, no geológico, é sem dúvida o processo catagenético dos ciclos megarítmicos já em definição pelos geólogos, ao menos para a litologia e para a orogenia. Nesses processos a erosão glacial é a que produz o desgaste de arestas mais vivas, embora deixe, como se sabe, superfícies riscadas e calhaus erráticos. No político esta *mineralização* intervém, por um lado, como elemento de comparação e ligação entre os dois conjuntos de ciências fundamentais (a neve: água mineral, cristalizada), espaço anisótropo, etc., é evocadora de um ciclo – o ciclo da água nos seus três estados principais – e, portanto, ciclo – de ritmo variável é certo, mas de certo modo evocativo de uma vivência desde nebulosa – estado de vapor – à para-eternidade da cristalização – estado sólido, passando pelo estado líquido adaptado ao ambiente – os “líquidos não têm forma própria, tomam a forma dos recipientes que os contêm”, como dizem os livros elementares de física para meninos. Por outro lado, ainda abstraindo o símbolo de pureza – brancura – e o símbolo de eterno descanso – a frialdade, o sudário, a morte – pelo que se deve ter compreendido por preliminares necessários a toda a interpretação, vemos que essa neve – elemento do conjunto geológico – cairia sobre a terra – aqui o continente representa o conteúdo (pelo menos fundamentalmente), portanto, leia-se sobre a humanidade – plano político –, assentando sobre o conjunto das proporções dinâmicas e irracionais (no sentido matemático) que dominam

o mundo biológico, um espaço cristalínico em que, como se sabe pela lei de Haüy, as razões irracionais são impossíveis (a última incompatibilidade encontra-se na teoria da divisão e preenchimento regular dos espaços, como se pode ver nas teorias sobre grupos de simetria). Quer pois dizer que na guerra de que fala o Poeta não será aparente (pois necessária sempre será) a relação macro-ritmo para micro-ritmo ou picno-ritmo (como prefiro chamar-lhe) ou até que aparentemente se dará uma inversão não real que fará supor que o político é o mega-rítmico (ideia de longa duração – indeterminada – da guerra).

## 2. *E tanta idade é mera circunstância de igualdade.*

Quase que seríamos tentados a calar-nos perante o que julgamos evidentíssimo após tudo o que está escrito. Tudo é mera circunstância de igualdade ou tudo é identificável instantaneamente. Basta dizer que *idade* não é aqui sinónimo de velhice ou mesmo de conjunto de acontecimentos ou época, mas o conjunto insomável de cada elemento é uma *idade*.

A “circunstancial” neve, elemento decorativo mas não intimamente desnecessário na composição poemática sujeita a esta brevíssima análise (como o deve ser em toda a poesia não redundante), esclarece-se no período seguinte:

## 3. *Infeliz neve que em si própria deve o esforço de pousar, de não ser leve um tempo antes do gelo.*

Precisamente a qualificação de *infeliz* dada à neve introduz um princípio de classificação valorativa que a teoria interpretativa exposta compreende (em rudes linhas o plano geológico seria sempre inferior em medida ao político, embora o não seja em essência, pois se disse que ambos os conjuntos têm a mesma medida. Todavia, esta essência é abstracto-matemática e, portanto, mais metodológica do que primordial). Qualificar a *neve* de *infeliz* seria um disparate se não existisse no plano do biológico ou político um ponto equivalente que pela sua vivência é sensível. Compreendendo-se o paralelismo analógico ou mágico, é justo concederem-se epítetos particulares do picno-rítmico aos elementos do mega-rítmico.

A neve a si própria deve o esforço de pousar, que é uma essência já definida no último parêntesis, o seu pensamento-material. Só pelas analogias interpretativas que a teoria

apresenta se compreende esta *recordação* da neve que a faz *penar*: “não ser leve um tempo antes do gelo.” Vapor que foi água líquida, apenas a um passo do sólido, já não pode ser leve.

4. *E se alguém há-de vir corromper o Sol da Primavera, que esqueça logo o projectar da Esfera – e, só depois, a Sombra essencial.*

Pede-se, mesmo aos que nunca a virão a compreender, que ao menos abandonem o método diabólico único que inclui o verdadeiro a-rítmico *personificado* na Esfera. A Esfera é a única imagem geométrica em que não existem verdadeiras razões (no sentido matemático), pois a unidade é a sua comum medida. Conhecer isto não é negar a sua existência. Ao menos da sua *Sombra*. Mas só esta age sobre nós. Por isso, primeiro que se esqueça qual a sua origem e só depois se *esqueça* (o que não é de forma alguma ignorar, antes integrar em nós mesmos) a existência deste motor, não primordial, mas consequência da Luz.

5. *Da corrupção, como estro e como guerra, a brevidade alastrará na terra.*

ou: “Como estro e como guerra a brevidade da corrupção alastrará na terra.”

A corrupção é evidentemente breve – a Esfera, como existência concreta, apenas resulta de uma corrupção verdadeiramente abstracta e conducente à verdadeira ausência de vida que nem sequer existe no que costuma chamar-se o inanimado. Muito especialmente como *estro* – como inspiração – e como guerra – a verdadeira guerra nem sequer resulta da corrupção, antes do extremo aperfeiçoamento ou do próprio *aperfeiçoar* – falando mais propriamente.

Logo que se arreigue a ideia da “brevidade da corrupção”, isto é, a ideia do seu finitismo essencial – os católicos sabem que no fim dos tempos a Esfera não mais terá poder sobre a Luz, que aliás não pode esconder, podendo apenas produzir a sombra, ou seja, o zero, a obliteração – acabará a chamada guerra para começar a Guerra.

6. *Afirmo e esqueço. Afirmo e esqueço a qual...*

O verso final não é apenas uma repetição com a função rítmica do estribilho, embora também a tenha e sirva ainda mais para a introdução do discurso poético a continuar nos subsequentes sonetos. Toda a ideia cíclica ou rítmica que expusemos como fundamental se compreenderá caber nesta simples conclusão. Como a expressão vectorial resume três expressões cartesianas e ainda dá mais qualquer novo sentido directivo, assim a poesia condensa em si tudo.

Não se chegou a definir expressamente que ciência seria a interpretação ou que ciência será a poesia. Poder-nos-íamos escusar, para o leitor merecedor, de que se tivessem escrito estas considerações. E, como poder é ser, apenas diremos por fecho que poesia é interpretação, e interpretação conhecimento. A Poesia fará dos leitores poetas, pois deles fará intérpretes. De cada coisa nasce uma nova coisa até que se consumam os tempos.

José Blanc de Portugal

[Versão revista de um ensaio publicado em *Anticrítico* – Ensaaios. Lisboa: Edições Ática, 1960.]